



UFRGS

SABi



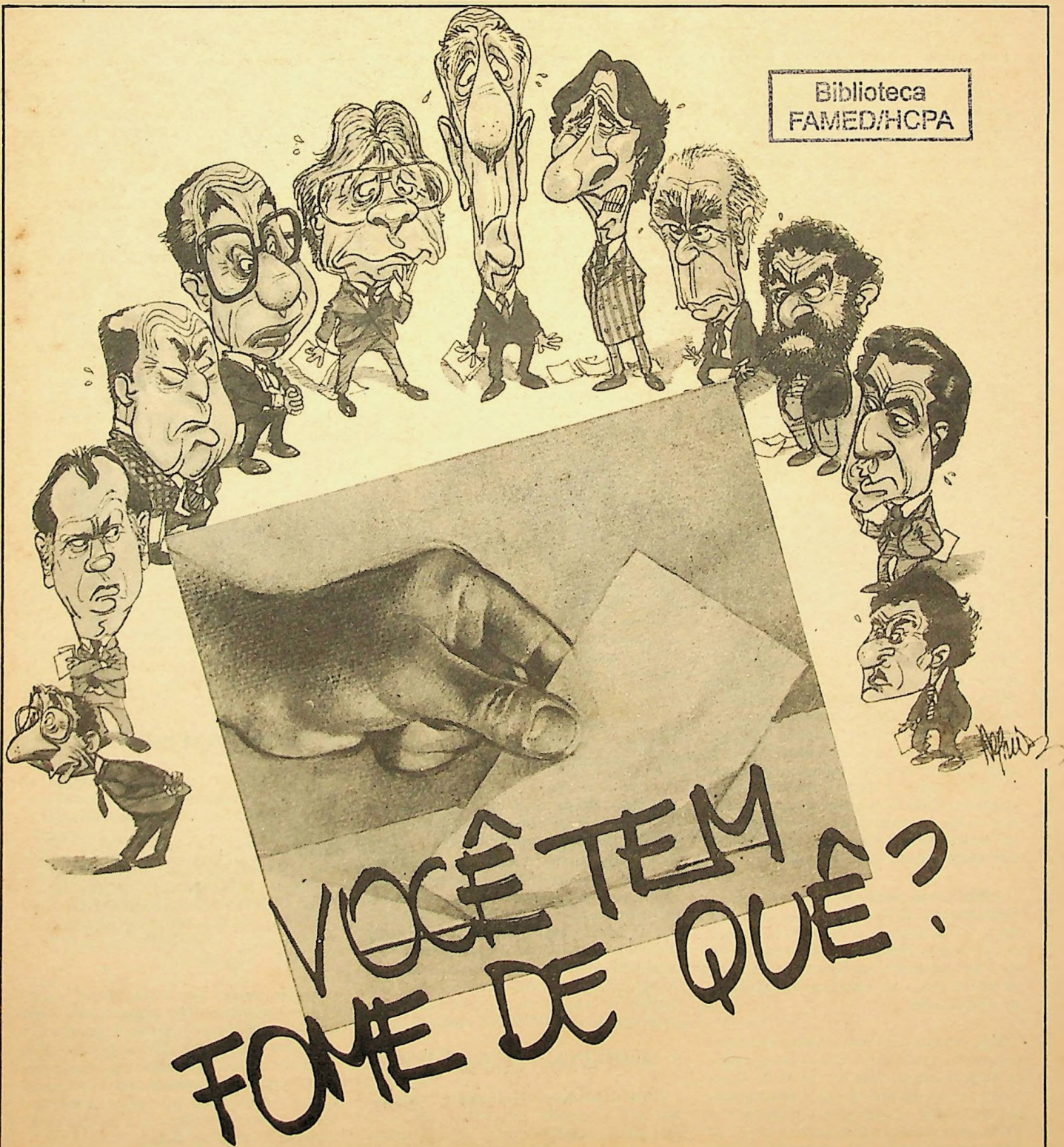
05914974

O BISTURI

CENTRO ACADÊMICO SARMENTO LEITE FAMED — UFRGS

ANO 44
SETEMBRO
1989 - Nº 04

Biblioteca
FAMED/HCPA



EDITORIAL

ATOLADOS...

1. CURRÍCULO

Cabe aqui uma menção à questão curricular da nossa Faculdade. Como foi divulgado no BISTURI passado, a Comissão de Carreira estava levando um processo de transformação curricular, em que apenas pessoas ligadas ao CASL estavam participando, já que houve divulgação e foi marcada uma assembleia, na qual cerca de quinze pessoas estavam presentes (todos os interessados...?). Aconteceu a mesma coisa: só nos preocuparemos com a questão do nosso currículo e que ele vai mudar quando chegarmos, na matrícula, na frente do terminal do computador e der problema de liberação de alguma cadeira. Será que necessariamente tem que ser assim? Só nos ligamos quando pisam no nosso calo? Pensamos que não, e que estamos interessados em nossa formação (por pior — e exatamente por isso — que ela seja), em melhorá-la.

O CASL vai tentar marcar reuniões com as turmas para discutir os problemas de cada semestre, e tentar chegar a propostas para melhoria de cadeiras e do curso como um todo em seus princípios. Mas, para isso, é preciso também que as pessoas estejam interessadas. Seria interessante, para efetuar a proposta, que as turmas voltassem a eleger um representante para, num contato direto uma vez na semana, trazer e levar informações, servindo de canal de comunicação entre Centro Acadêmico e estudantes, fazendo que este seja cada vez mais um espaço dos estudantes. É a volta do Conselho de Representantes de Turmas, simplesmente. A questão está aberta. Esperamos retorno.

2. A PATOLOGIA

No início deste semestre, a cadeira de Patologia I entrou em greve ("paralisação") pelo fato de que dois professores se aposentaram e, conseqüentemente, faltou professor para ministrar aula. Deve-se salientar que as contratações de funcionários públicos (professores incluídos) estão restritas. Havia uma lei federal que proibia as contratações, mas abriu-se uma "brecha" e apenas os primeiros colocados nos Concursos Federais foram admitidos. Assim, a contratação de professores pelo Departamento de Patologia, através de sua nomeação, estava e está impedida.

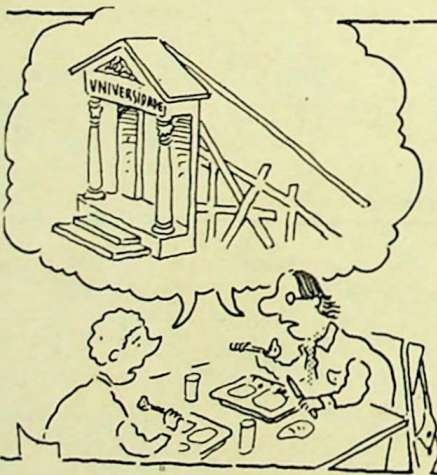
Estranhou-se, particularmente, a posição do Departamento de Patologia, em especial a cadeira de Patologia I, já que esta negou-se a entrar na greve Federal das Universidades, em que exatamente um dos pontos era liberação de verbas para a Universidade e contratação de concursados.

Mas, estamos com um problema imediato: preservar a qualidade de Ensino nesta cadeira. O que pode ser feito é a turma do 4º semestre, e a do terceiro, que são imediatamente interessados, marcar uma reunião com o CASL para avaliação da situação e estudo de uma forma de intervenção na questão (possivelmente através da Comissão de Carreira e Diretor).

Cabe ressaltar que a paralisação estendeu-se por duas semanas, no fim das quais voltou-se às aulas. Devemos nos mobilizar para tentar salvar um pouco (e põe pouco nisso) da qualidade que ainda há em nosso curso, e tentar sempre melhorá-lo. Mas, para isso, é preciso que haja interesse. É mais uma questão que está aberta...

3. ESTATUINTE

A Estatuinte significa uma análise e elaboração de um novo Estatuto ("Constituição") da Universidade. O fórum de deliberação para tal é o Conselho Universitário (CONSUN), composto por Diretores de Unidades, Reitor (presidente), Vice-Reitor, Coordenadores de Câmara, um representante (um!) do corpo discente, um da FIERGS, uma da Federação da Agricultura do RS e um do CODEC, além de um número de representantes do corpo discente a ser estipulado. Em princípio, o CONSUN e a comunidade universitária (estudantes e professores e funcionários) escreveriam os novos Estatutos da Universidade. Aconteceu que, em votação, os estudantes e funcionários foram simplesmente EXCLUÍDOS do processo. Como consolo, podemos mandar "observadores" na reunião.



O Profº Diretor desta Faculdade de Medicina, Ronald Pagnocelli, que votou a favor da exclusão dos estudantes e funcionários, solicitou a este Centro Acadêmico de Medicina (Sarmiento Leite) que organizasse representantes de turma para irem como "observadores". A Diretoria (nova) do Centro Acadêmico passou em aula e avisou às turmas, e avisa agora também por este jornal, para que as turmas organizem-se para, se tiverem interesse, participar. Esperamos uma resposta breve, pois daremos um retorno ao nosso Diretor. A primeira reunião do CONSUN é no dia 19/9/89.

4. MEDICINA...? O QUE É ISSO...?

O que é fazer Medicina? Será fazer cada um sua "medicinzinha"? É possível fazer-se ou ser médico competitivamente, individualmente, mesquinhamente? Será "acumular" conhecimento(?), como acumular dinheiro, status "social" do maior gabarito, maior valor, nessa

"Ilha das Flores", nesse luxuoso lixo geral que amontoamos e no qual empilhamos pedestais?

Será como a Patologia III? Aparentemente a "menos pior", já que é feita em cima de casos clínicos, onde nos é permitido fazer um raciocínio, pensar(!), uma vez por semana, pra descobrir, orgulhosos, do que o paciente do caso... MORREU! Sim, isso mesmo, o cara foi à necropsia pra podermos saber se acertamos o diagnóstico. Já se deram conta? O que motiva é a invejável satisfação de interpretar publicamente o que o cara exibiu publicamente, o que o deformou, o que o fez "patologicamente" (aliás, todo o nosso curso é calculado na patologia, e não na saúde), não "normal", o que o matou. Que legal quando exibimos "todo o conhecimento" que já acumulamos, e acertamos. O fato dele ter morrido é insignificante, indiferente, não interessa, e sim o que o causou. E o que causou pra se adquirir o status do saber, da competência, a hierarquia superior dos "mais inteligentes", não por algum sentimento de evitar que sofra. E seguimos, emburrecidos, embrutecidos. A essência, o "espírito da coisa", é chegar ao conhecimento, a motivação é a autoafirmação (para vencer as inseguranças pessoais), o saber por saber, pra provar que se sabe. Fazer medicina será como encaixar-se numa embalagem, num pacote todo pronto pra gente ("não se preocupem com ele, meus filhos, já fizemos, preparamos, o melhor pra vida de vocês"). Será aceitar de mão beijada, beijando várias mãos e lambendo vários pés, um futuro que só nos cobra escolher um tipo de especialidade, pra ser "banqueiro" de hospital, preenchendo o vazio interior (e de sentido pra vida, e pra todo o exterior), enchendo os bolsos e os egos? Aliás, hoje nem isso dá mais, tal a estupidez do sistema, da "lógica" reinante. Pena que a "crise existencial" seja só por falta de "recompensas" "justas" "pra todo o nosso esforço". O espaço está aberto...

5. DE ABACAXI PARA... MAÇÃ!

No número anterior expusemos alguns dos pontos que criticamos na nossa formação médica. E a proposta é passar deste modelo de ensino MODULAR - ESTRUTURADO - DESVINCULADO - DESPERSONALIZADO - DESAGREGADO - ALIENANTE - TÓXICO - PATOLÓGICO - DOENTIO para um CONTÍNUO - DESESTRUTURADO - VINCULADO - PERSONALIZADO - AGREGADO - CONSCIENTE - PARTICIPATIVO - AGRADÁVEL.

Enfim, transformar o abacaxi em maçã. Mas a coisa não é tão simples assim, e, por ora, a mensagem que queremos passar é que existe um grande trabalho dentro do Movimento Estudantil de Medicina (inclusive com uma proposta de Ensino Médico) para transformar nosso Ensino, pois só assim transformaremos nossos médicos e o modelo de assistência à Saúde no Brasil.

Informe-se. O espaço para debate estará... sempre aberto!

ELEIÇÕES

Biblioteca
FAMED/HCPA

PRESIDENCIAIS

Pensamos ser importante colocar nossas opiniões sobre a eleição porque ela vai influir decisivamente nas nossas alternativas de trabalho, nas nossas vidas, não só nos próximos 5 anos.

Também na nossa formação, e de nossos atuais e futuros colegas, sobretudo no Sistema de Saúde, nas condições de saúde pública, que é o que mais nos preocupa, ou deveria, já que é muito de nossa responsabilidade. Estamos impacientes para que os "pacientes" sejam tratados como pessoas, com seus direitos que infelizmente ainda precisam ser lembrados, por saúde, por condições dignas de trabalho, de lazer, habitação, e de verdadeira liberdade. Por isso, pela saúde de todos os brasileiros, pela nossa saúde, e a de nosso país, apoiamos não um nome (pela vocação democrática e independente do Movimento Estudantil), mas um programa que inclua:

— SUS (Sistema Único de Saúde)



— Reforma Agrária e Urbana
— Suspensão do pagamento da dívida externa, com auditoria

— Ensino público gratuito, de acesso universal, de qualidade, e com retorno garantido pra população.

Rinaldo

RESULTADO DAS PRÉVIAS DA ELEIÇÃO PARA PRESIDENTE DA REPÚBLICA

ATM 94/1

Brizola — 11 votos
Afif — 6 votos
Lula — 5 votos
Freire — 1 voto
Covas — 3 votos
Maluf — 2 votos
Indecisos — 32 votos

ATM 94/2

Brizola — 17 votos
Lula — 11 votos
Afif — 9 votos
Freire — 7 votos
Covas — 6 votos
Maluf — 1 voto
Collor — 1 voto
Gabeira — 1 voto
Caiaido — 1 voto
Nulos — 5 votos

2º Turno

Brizola — 32 votos
Lula — 18 votos
Nulos — 7 votos

CASL

PERFIL POLÍTICO ATM 92/2

Qual seu candidato à presidência da República? %

BRIZOLA-24,5 AFIF-19,2
LULA-14,0 COVAS-8,7 FREIRE-3,5
MALUF-1,7 COLLOR-1,7
OUTROS-0 INDECISOS-26,3

Qual a sua preferência partidária?
PT-14 PL-8,7 PDT-5,2 PCB-1,7 PV-1
SEM PREFERÊNCIA-68,4

Em quem não votaria em hipótese alguma? %

COLLOR-84 AURELIANO-22
MALUF-28 CAIAIDO-26
ULYSSES-24 LULA-22 AFIF-17
BRIZOLA-15 CAMARGO-14
FREIRE-5 COVAS-1

Foi realizado, no dia 25/7, a primeira pesquisa eleitoral visando determinar o perfil político da ATM 92/2. O universo pesquisado foi de 57 alunos desta turma.

Foram encontrados resultados contrários às outras pesquisas de opinião.

Foi encontrado um grande número de indecisos (26,3%), que é superior às intenções de voto de qualquer outro candidato. Em primeiro lugar na pesquisa aparece o ex-governador Leonel Brizola (PDT), desta vez na frente do Collor, seguindo uma tendência regional. Em segundo está o deputado federal Guilherme Afif Domingos (PL), correspondendo à sua ascensão verificada por outras pesquisas. O deputado federal Luis Inácio da Silva (PT) vem a seguir, com indicações de voto superiores às da média nacional. Com menos expressão, vem respectivamente o senador Mário Covas (PSDB), o deputado Roberto Freire (PCB) e o ex-Governador Paulo Maluf (PDS). Contrariando totalmente as tendências das outras pesquisas, em último lugar entre os candidatos que receberam votação, está o ex-Governador Fernando Collor de Mello (PRN). Os outros candidatos ficaram com 0% de votos.

PREFERÊNCIA PARTIDÁRIA

A grande maioria dos entrevistados não possui definição partidária. O PT alcançou os maiores índices de preferência, mas 13% dos eleitores do PT não votarão no Lula. Deve-se ressaltar que apenas uma pessoa que não se definiu como simpatizante do PT votou no candidato do partido. Em segundo, terceiro e quarto lugares aparecem respectivamente o PL, PDT e o PCB, todos com 100% de adesão dos seus simpatizantes aos seus candidatos. Também aparece com preferências o PV, mas sem fidelidade partidária.

OS REJEITADOS

Fernando Collor de Mello (PRN) conseguiu o maior índice de rejeição já verificado em uma pesquisa eleitoral. Aureliano Chaves (PFL) também teve destaque negativo entre os estudantes. Maluf, Caiado, Ulysses e Lula também tiveram índices de rejeição consideráveis. Entre os lembrados Marronzinho e Enéias. Nota-se também aqui que os dados obtidos em nada se assemelham aos obtidos entre a população geral.

CONCLUSÕES

Outros dados interessantes foram o baixo desempenho nas intenções de voto frente ao alto índice de aprovação dos candidatos Mário Covas (PSDB) e Roberto Freire (PCB). 50% dos entrevistados consideram o senador Mário Covas um bom candidato, mas apenas 8,7% transformam essa simpatia em voto. Já com o pernambucano Roberto Freire a situação é pior, pois 49% dos entrevistados o aprovam, mas apenas 3,5% votarão nele.

Se não for eleito presidente, o deputado Afif Domingos (PL) poderá ser contratado por uma rede de televisão, pois destaca-se na propaganda eleitoral gratuita com o maior índice de aprovação (42%) e um dos menores índices de desaprovação até o momento. Graças a este desempenho verifica-se uma melhoria nos seus índices após início da propaganda de rádio e televisão.

Paulo Maluf também se sai bem na televisão, pois 28% acham que ele tem se saído bem na televisão. Com 24% de aprovação vem os candidatos Covas, Freire, Brizola e Lula.

Segundo os entrevistados, Aureliano e Ulysses tem se saído muito mal na TV com 36% e 26% respectivamente de desaprovação. Foram desaprovados também os programas de Camargo e Brizola.

Uma das piores constatações foi o fato de, entre os indecisos, 86% nem assistiram o programa eleitoral regularmente, demonstrando-se alheios ao processo eleitoral.

Entre todos os entrevistados, 52% não assiste regularmente o programa eleitoral gratuito de televisão e rádio. Deste fato fica como pergunta: Por que tantos se absterem de acompanhar mais de perto o processo eleitoral brasileiro? Falta tempo? A medicina não deixa? Falta saco mesmo? Por quê?

ps.: Nós gostaríamos que essa ideia fosse seguida por todas as turmas de medicina. Se houver interesse de alguém para continuar esse trabalho, entre em contato conosco.

FERNANDO PUPERI (Anjinho)
ATM 92/2
MARCELO MATIAS ATM 92/2

COLUNA DA

DENEM

■ ESTÁGIOS INTERNACIONAIS

Recebemos 118 inscrições de 17 Escolas Médicas do País. Foi feita uma primeira classificação dos candidatos e agora esperamos a Seleção e a colaboração dos candidatos por parte das Associações Estudantis dos vários países. Da UFRGS inscreveram-se 14 colegas. As respostas finais só estarão disponíveis após 15 de Novembro. Favor não insistir antes desta data. Obrigado.

■ ESTÁGIOS NACIONAIS

Encontram-se abertas as inscrições para os estágios nacionais (em Hospitais de doenças infecciosas em atenção primária), conforme anunciado no último BISTURI. Os interessados deverão preencher ficha de inscrição, anexar duas fotos 3x4, e responder um questionário abeto. Ainda, recolher 8 BTN's como taxa de inscrição. Retire os materiais para inscrição no CASL. As inscrições vão até o dia 15 de Novembro!

■ CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA - ABEM

Desenvolveu-se em Manaus de 9 a 12 de outubro de 1989. A colega Suzane Kummer — Secretária Geral da DENEM e representante junto a ABEM compareceu e coordenou a intervenção estudantil junto ao congresso. Os temas abordados foram a Legislação das áreas da saúde e Educação (Leis complementares e a Constituição) e as necessidades quantitativas e qualitativas de recursos humanos para a Saúde no Brasil. Foram temas polêmicos o Internato obrigatório da Instituição da origem do estudante, o Serviço civil obrigatório, a abertura de novas escolas e a relação dos Hospitais Universitários com o SUS. A participação estudantil foi destacada (apesar de presentes apenas 16 escolas), servindo para qualificar um Congresso combatido e com a absoluta falta de direção política. Veja um relato detalhado no próximo BISTURI.

■ CONEEM — Conselho Nacional de Entidades Estudantis de Medicina

Será realizado durante o feriado de finais no Campus do Fundão UFRJ. Haverá realização da eleição para a nova Diretoria (há dois candidatos — UFMG e UFCE) e a elaboração do plano de trabalho de 89-90. Além disso, será discutida a próxima sede do ECEM (Encontro Científico dos Estudantes de Medicina), provavelmente no Rio de Janeiro, e o COBREM (Congresso Brasileiro de Estudantes de Medicina), provavelmente no Ceará. A eleição para delegados ao COBREM (1 para cada 100 estudantes) serão feitas em Novembro. Participe.

■ O CASL deverá permanecer permanecer com a Assessoria de Relações Internacionais e de Ensino Médico, Políticas de Saúde e Frentes de Trabalho (através do Centro de Pesquisas em Educação Médica da Área de Saúde — CEPESAS).

Propomos para a próxima gestão da DENEM uma ênfase redobrada na questão do Ensino Médico, Projeto Frentes de Trabalho, Congresso Popular pela Saúde, Universidade Popular, Campanha pelos Direitos dos Pacientes, da defesa do Sistema Único de Saúde.

■ A DENEM deixará de ter sua Sede no CASL após três anos. Cremos ter cumprido nossa parte.

VÍDEO

C A S L

O CASL está reativando (agora com nova gestão, os IM PACIENTES), o vídeo do nosso CA. Estamos tentando promover um filme por semana, sempre nas quintas-feiras, 18h30min, na Sede do Biociências. Já passamos:

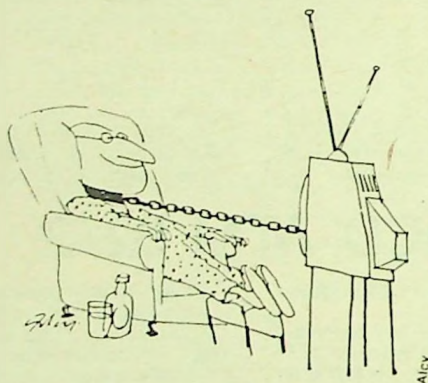
- * Minha Vida de Cachorro
- * O Nome da Rosa
- * Nove e meia Semanas de Amor

E pretendemos passar

- * Blade Runner
- * Máquina Mortífera
- * O Declínio do Império Americano
- * Sugestões dos colegas, em urna no Bar do Biociências

As sessões são grátis, e as sugestões estão abertas. Participe, já que cinema de graça não é sempre...

CASL



CONSTITUINTE ESTADUAL: CAPÍTULO DA SAÚDE

O CASL e a Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina participaram das plenárias Estaduais da Saúde, onde se discutiu propostas de Emendas para o capítulo da Saúde da Constituinte Estadual. Apresentamos uma emenda que caracterizava como locais de Ensino todos os Serviços públicos de Saúde do Estado, os quais seriam utilizados apenas pelas instituições públicas de Ensino para suas atividades de formação de pessoal e pesquisa. Esta emenda foi rejeitada em Plenária da Assembleia Estadual Constituinte, e lamentou-se a oportunidade perdida de integrarmos a rede pública de serviços ao esforço da formação de recursos humanos.

Um adendo à emenda sobre a doação de sangue foi, no entanto, aceita, no que tange ao acompanhamento e seguimento dos doadores de sangue.

Lamentamos o perfil retrógrado e insuficiente do capítulo Saúde da Constituinte Es-

tadual que foi confirmado no 11 turno de votações.

Estuda-se, agora, a tática a ser utilizada pelas entidades estudantis da área da saúde em conjunto com os representantes populares (FRACAB, etc) para a votação das Leis Complementares da Constituinte Estadual.

CASL

LEI ORGÂNICA FEDERAL

Você sabe o que é isso? Pois estamos convidando os colegas para debater acerca da criação do SERVIÇO SOCIAL OBRIGATÓRIO, que consta em projeto da Lei Orgânica para a Saúde. Tal Serviço seria prestado após a graduação em áreas de assistência e substituiria o Serviço Militar Obrigatório. Outra novidade é que tal serviço, a princípio, estenderia-se também para as pessoas do sexo feminino.

É fundamental discutirmos esta proposta em seus aspectos positivos e negativos e termos uma posição nacional quando da sua votação pelo Congresso Nacional. É importante a nossa opinião pois é o nosso futuro que está em jogo.

CASL

PERDE O ENSINO DE PEDIATRIA

O Departamento de Pediatria da UFRGS acaba de piorar o Ensino de pediatria: conseguiu a aprovação de incluir seis dos oito professores que davam aula de Medicina Ambulatorial de Crianças (9º semestre) no Corpo Clínico do HCPA. Isso quer dizer que o Ensino de pediatria ambulatorial, antes feito com todos os estudantes em postos de Saúde periféricos, agora será ministrado num Serviço de Pronto Atendimento (SPA) no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Apesar das dificuldades encontradas nos postos de saúde periféricos (pouco material, dificuldade nos exames laboratoriais, distância e dificuldade de transporte, etc), é inegável que a experiência adquirida nesta disciplina é indispensável para a nossa formação de médicos gerais competentes.

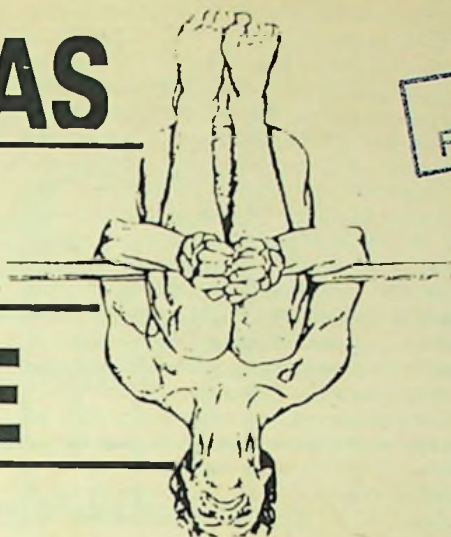
Contraditório, no mínimo, quando se discute um novo Sistema de Saúde e a necessidade de fazer o Ensino em todas as instâncias do Sistema de Saúde.

Se há dificuldades nos postos para o bom ensino (e isso é sabido) é necessário melhorar as condições, jamais abandonar os postos.

O CASL tentará recorrer desta decisão, que consideramos um retrocesso no Ensino de nossa Faculdade. Agora, perguntamos: e você, o que você pensa disto? De nosso Ensino, da Pediatria, dos Postos periféricos, da concentração do Ensino no HCPA? Esperamos suas respostas e colaborações com suas opiniões.

CASL

MEMÓRIAS DO CÁRCERE



Biblioteca
FAMED/HCPA

40.^o CONGRESSO DA UNE



REGIONAL
SUL

Verão. Sol. Dia de semana (torço para que o fim — de chegue logo, embora ainda seja começo da...). Mais um dia de acadêmico de Medicina não é que eu não o queira ser — até gosto —, mas o que eu não quero é virar apenas isso).

1. Aulas Teóricas

Chego para a aula. Teórica, como a maioria nesse semestre. Os colegas também começam a chegar. A sala de aula é escura, tem algumas cadeiras de madeira e, para que todos possam sentar somos "obrigados" a roubar algumas da outra sala (sabemos que o pessoal de lá vai reclamar e fazer o mesmo depois). A sala fica num prédio e este tem dois blocos, fazendo com que um deles (o que está sendo descrito) fique impossibilitado de receber a luz solar. Mas tudo bem... já estamos acostumados a ter aulas em anfiteatros mesmo...

O Sr. Dr. Professor já está atrasado para sua aula. Que bom! A aula dele ninguém suporta mesmo... Alguém levanta a possibilidade de acabarmos a aula por decurso de prazo e irmos embora. Mas eis que surge o Sr. Dr. Professor. Todos para dentro da sala. Encerra-se a porta. Calor (por quê será que faz tanto calor NESTAS aulas?). Sufoco. A "chamada" ("presença") só vai ser dada no final da "aula".

2. A aula em Si

O Sr. Dr. Professor começa a falar. Começaremos pela parte genética na qual os cromossomos sempre são os culpados (influências do meio são secundárias), em milhares de interações (alguém comenta: que abstração...). Para explicar tudo isso o Sr. Dr. apela para o seu "instrumento pedagógico": um retroprojektor de lâminas! O negócio funciona da seguinte maneira: em uma folha transparente é escrito o conteúdo da aula, ele liga o aparelho ("no-na ou décima maravilha"... e lê o conteúdo para nós! Linha por linha. Tadinho. Super-pedagógico!

Nós, os alunos (também conhecidos no meio discente em sua cúpula por "alvos do Ensino Médico Continuado") temos várias reações. Lá no fundo da sala a chamada "turma" (auto-tachada) joga bolinhas de papel. Num grupo intermediário (principalmente nos cantos mais escuros) o pessoal tenta dormir. Três o fazem, outros quatro estão "pescando" e outros seis já estão com os olhos vermelhos. Uma outra turma tenta prestar atenção, mas sem copiar. E, bem na frente, a turma da "cópia", que copia tudo que é falado (e, se der chance, até o suspiro do professor). Inclusive reclamam para que o Sr. Dr... deixe a transparência por mais tempo para poder copiar.

3. A Prévia

A turma que tenta prestar atenção sem copiar organiza-se. Já que a moda é a prévia (aliás, eu nunca fui a não conheço alguém que tenha sido entrevistado pelos Institutos de Pesquisa), vamos fazer uma. A prévia será realizada em três momentos ("turnos"): a) nos dez primeiros minutos de aula; b) decorrida uma hora de aula e c) nos últimos cinco minutos de aula. O objetivo é mensurar o CCPA-FAATETTDf (Coeficiente de Capacidade de Prestar Atenção e Ficar Acordado na Aula Teórica E Ter Tesão de Fazê-lo), já descontado o Tempo Inicial de Tentativa de Concentração (média — cinco minutos) — TITC. O CCPAFAATETTDf é medido pelo questionário que roda pela sala e através da Observação Participante (quem está acordado responde, quem está semi passa o questionário adiante e quem está dormindo é marcado como "zero"). Os resultados conseguidos foram, em uma turma de sessenta e dormem; vinte e sete estão jogando bolinhas de papel; cinco prestam atenção sem copiar e quinze estão sentados na frente copiando; em b) 20 já dormem, outros 20 jogam bolinhas de papel, 10 prestam atenção sem copiar e dez continuam sentados e copiam; em c) 20 dormem, 25 jogam bolinhas de papel, 10 prestam atenção sem copiar e cinco tentam(!) continuar copiando, enquanto reclamam dos colegas que importunam... Nisso, um colega levanta-se para sair, mas é barrado pelo olhar do Sr. Dr. e pelos seus colegas, que perguntam quase berrando: "já vai, fulano?".

4. Há Alternativa?

A aula finalmente termina, para felicidade geral da nação. Não gostamos, mas estamos tão acostumados a não reclamar que decidimos acreditar (e é mais cômodo) que não há solução, o jeito é continuar a cadeira assim mesmo, fazer a prova e passar, mesmo duvidando de nossos conhecimentos. Mas ficamos nos perguntando se há uma alternativa (seminários, mais aulas práticas — não de laboratórios, sim com pessoas —, mais ambulatório, etc)? Queremos romper com a mesmice, mas ficamos em dúvida se somos capazes, ou se devemos... No fundo, ficamos sem pensar mesmo (e constatar isso dói) se há alternativa para nós mesmos, como pessoas. E aí afundamos. A força vital que temos (e está contida em nós) está lá no fundo (no nosso cerne que chamamos VIDA, a capacidade para o amor verdadeiro, a socialidade e sexualidade naturais, a alegria espontânea no trabalho), esquecida ou reprimida, muitas vezes sem nos darmos conta...

Mas, como fazermos para romper, construir algo novo (se é que existe)? Você sabe? Alguém sabe? De qualquer forma, aqui estamos: no cárcere...

O CASL participou do Congresso da UNE de 21 a 24 de Setembro no Campus da UnB em Brasília. As eleições para delegados contaram com a participação de 268 votantes, com 184 votos para a chapa "É preciso arrancar alegria ao futuro" elegendo Andréa Trindade como delegada, e 74 votos para "Alternativa pra lutar", elegendo Vânia Gobetti como delegada. Ainda houve 10 votos brancos e nulos. João Batista (Joba) foi o delegado pela Entidade.

Consideramos que o Congresso da UNE este ano foi melhor que o do ano passado, apesar das deficiências inerentes à dinâmica geral de um fórum enorme (cerca de 1750 delegados) onde a discussão se resume a fórmulas resumidas e genéricas (os velhos chavões — palavras de ordem). Ainda assim aconteceram grupos de discussão e um mínimo debate sobre os temas propostos para o Congresso. Ainda não foi desta vez que fizemos um Congresso que privilegiasse o debate e permitisse a discussão de critérios e nomes para a nova diretoria. Foram criadas as UNEs Regionais e outra vez não se discutiu a Política Internacional da UNE. Foi aprovada a proporcionalidade sem que se tenha garantido a base política para tornar a Diretoria proporcional, algo efetivo e democrático. A chapa "SOS Universidade" alcançou maioria de 16 cargos em 31. A chapa apresentada pela oposição elegeu 15 diretores — Viração.

Neste Congresso o CASL deixou de ser sede da Secretaria de Biomédicas e Relações Internacionais (cargos ocupados pela Eliete e Armando) da gestão 88-89. Pensamos ter cumprido um papel importante ao longo de duas gestões da UNE e pensamos continuar contribuindo para o desenvolvimento do Movimento Estudantil, com ações e idéias críticas e criadoras. Em breve esperamos ter as resoluções do Congresso para distribuição entre todos os estudantes.

NOTÍCIAS do CASL

Como anda o nosso velho Centro Acadêmico Sarmiento Leite?

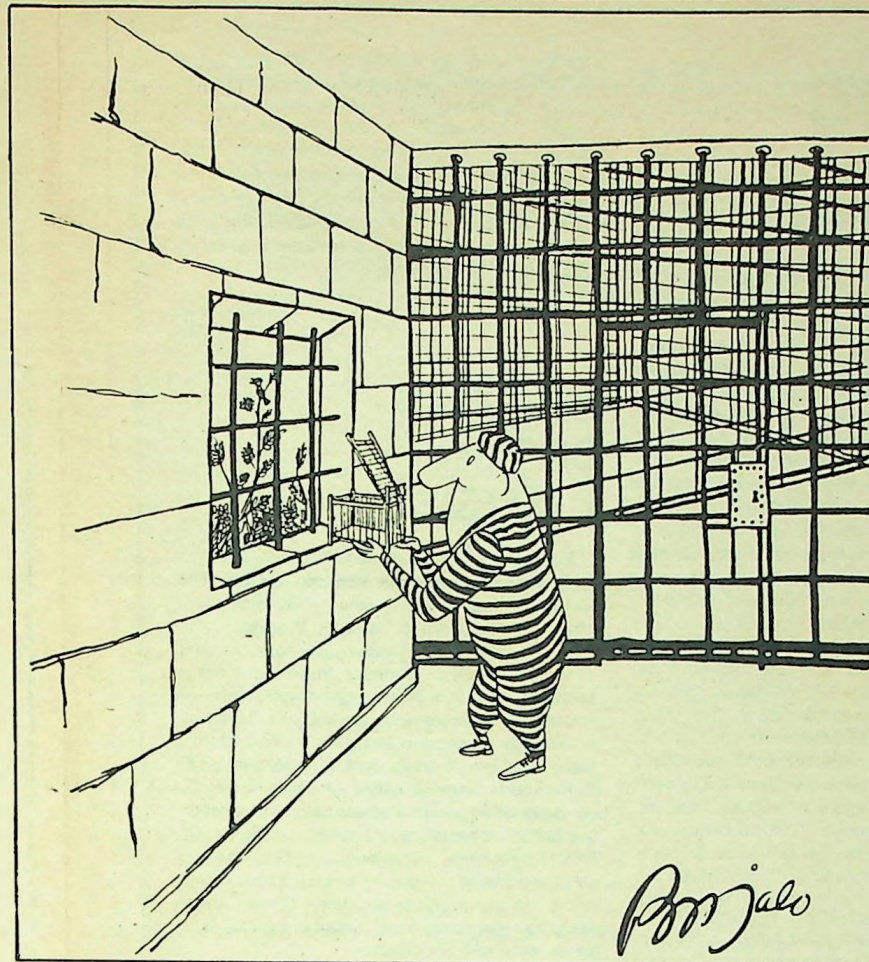
Digamos que anda em um período de reestruturação, de uma renovação necessária e que tem sido sua característica nos últimos tempos. Faz algum tempo que tenho vontade de escrever sobre o que andou fazendo o CASL nestes últimos anos, pois creio que nós não demos a necessária importância à divulgação de nossas realizações (que são patrimônio de todos os estudantes de medicina da UFRGS). Mas, antes, um pouco de história. Em 1982 se tentou sacudir este Centro Acadêmico propondo um programa avançado nas suas eleições: propunha-se a criação do CRT — Conselho de Representantes de Turma, e o funcionamento efetivo das secretarias, inclusive integrando a então autônoma Revista Científica ao Centro Acadêmico. Perdemos as eleições de 1982 mas não perdemos a certeza de que o CASL era importante e tinha que mudar, se aproximar das lutas do dia-a-dia dos estudantes, deixar de ser um mero aparato de tendências políticas. Não que fôssemos contrários às tendências e organizações políticas, mas queríamos inovar, mudar a forma de fazer política estudantil, compatível com a época que vivíamos. Perseveramos no trabalho e em 1983 saiu uma chapa de unidade que terminou se depurando pelo compromisso ou não de seus membros e em 1984 ganhamos as eleições com uma chapa de programa avançado, e propondo muita ação. Marco Azevedo foi o presidente, sendo mais tarde (86-87) presidente da União Estadual de Estudantes-UEE e hoje médico-geral comunitário e mes-trando em Filosofia na UFRGS. Montamos o Conselho de Representantes de Turma, as secretarias se estruturaram, retomamos a Revista Científica do CASL, o Bisturi se regularizou, saíram as Olimpíadas do CASL, criamos grupo de Medicina Comunitária, nos propusemos a organizar o XVI ECEM (que saiu em 1985, com o Nery como presidente, hoje pediatra formado pelo HCPA). Aquele saudoso ECEM consolidou um papel de liderança nacional para o CASL, e além disso o grupo do Centro Acadêmico introduziu novos valores para o movimento: a experiência de Itapoã, onde em 1984/85 nós desenvolvemos um trabalho de medicina comunitária que sacudiu os corações e mentes daqui e de fora. Ainda em 84 passamos a intervir nos Congressos da Associação Brasileira de Educação Médica-ABEM; levávamos críticas e propostas, éramos porta-vozes de todos os estudantes de Medicina presentes. Estávamos saindo da casca, mas aqui dentro, em 84, ti-

nhamos jogado um papel fundamental na greve que se estendeu por 3 meses e na qual fomos eixo de articulação de eleição para diretor da Faculdade, onde as listas sextuplas organizadas pelo CASL receberam apoio massivo. Era o fim da ditadura, a Faculdade despontava como um dos pólos de redemocratização da UFRGS. Tempos de euforia e mobilização. Nosso CASL crescia, conquistou trânsito político e respeito no HCPA, na Reitoria, no Movimento Estudantil em geral. Em 85 compomos chapa para o DCE, perdemos, mas foi por pouco. Conquistamos cargos no Conselho Universitário da UFRGS, no Conselho de Ensino e Pesquisa, na Câmara de Extensão. Nas eleições para o DCE há pouco citadas, foi a maior participação de estudantes dos últimos anos. Crescíamos na Universidade, conhecendo-a, pensando maior. Toda essa efervescência em 85 fez haver chapa única para o CASL, por um trabalho amplo, consensual, elege-se Gerson Pereira para Presidente (hoje R2 de Medicina Interna no HCPA e ex-Presidente da Associação Nacional de Médicos Residentes); é um tempo de "obras" (o CASL é reformado e assume sua face atual, e inaugura-se a sala do CASL no HCPA). Além disso, fruto do XVI ECEM em POA, ganhamos destaque nacional e nos lançamos na política nacional do ME (Movimento Estudantil); nosso trabalho se complexifica, sofremos algumas crises de crescimento, precisamos mais gente para trabalhar, tínhamos muitas frentes de intervenção. Surgem as bases do "planejamento para entidades estudantis" com base em experiência local, as famosas "aranhas", organogramas que nos davam a dimensão e variedade de nossas tarefas; se aplica o princípio da direção centralizada, integrada, combinada com a autonomia das partes, cada secretaria tocando seu trabalho mas mantendo a coesão do CASL. Com isso fizemos o esporte, a científica, o ensino médico, a representação discente (que ajudou a mudar a direção dos departamentos), etc. se somarem na construção de um CA forte e atuante. Onde houvesse problemas lá estava o CASL e o CRT era o corpo decisorio, com a diretoria assumindo seu caráter executivo. Iniciava-se a mística do CASL, "o melhor centro acadêmico do país".

Mas já estamos em 1986, vamos ao Congresso da UNE de Goiânia, saio candidato a Secretário de Biomédicas da UNE, nos lançamos na Campanha, há fraudes e precipitações, muita frustração. Decidimos apostar no movimento de medicina nacional, lançamos um Bisturi com três matérias decisivas — a base para a transformação do ensino médico no País, a opção estratégica do planejamento de entidades e a criação da Federação Brasileira de Estudantes de Medicina. A proposta da Federação foi uma bomba, já que vínhamos de tantos conflitos no Movimento Estudantil Nacional e muitos imaginaram que se tratava de dividir o Movimento Estudantil, criando uma nova UNE através de Federações. Mas é óbvio que a idéia era outra: construir um Movimento Estudantil de massas, ligado às necessidades dos estudantes na perspectiva das lutas gerais do País. E assim foi. Nós que tínhamos saído prestigiados da VIII Conferência Nacional de Saúde, onde o Marco e eu fomos eleitos pela UNE, e com mais prestígio pela apresentação da proposta revolucionária de transformação do ensino médico e pela proposta de Federação, saímos com a Presidência da Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina — DENEM, criada em 02 de agosto de 1986 em For-

tealeza, ao final do XVII ECEM. Foi um momento de grande projeção do CASL, mas também aí começaram vários problemas. Tivemos que deslocar gente para o trabalho nacional (organização da DENEM, intervenção na Assembleia Nacional Constituinte, luta pela transformação do ensino médico, etc) e com isso começaram os acúmulos de função (fui eleito Presidente do CASL em novembro de 1986, já sendo Presidente da DENEM). Em outubro de 1986, intervimos com força no Congresso da ABEM de Florianópolis, com a nossa proposta de ensino médico ganhando espaço. A DENEM se organizava e se articulava, às vezes à margem do CASL e da UFRGS. Em fins de 1986 ainda concorremos à Coordenação Geral do DCE, mas perdemos, felizmente, pois seria demais. Se havia retirado a placa de proibido megalomania no CASL. E fomos adiante, nos lançamos em nível internacional, participando do Congresso da FEPAFEM no México, estabelecendo base de cooperação com a Nicarágua e iniciando a organização do 1º Congresso Latino-Americano de Entidades Estudantis de Medicina. Mas em meio a tudo isso não abandonamos o CASL, pois era tudo junto e misturado. Em 1987, no primeiro semestre, fizemos o Dia do Currículo e bloqueamos as tentativas apressadas de "reforma" curricular, promovemos uma discussão profunda e ganhamos. Mas 87 tinha outras surpresas, fomos reeleitos para a Presidência da DENEM no XVIII ECEM em Campinas, nos organizamos melhor como sede da DENEM, criamos assessorias que funcionaram mais ou menos. Eu fui reeleito Presidente (tranquei o curso para poder me dedicar decentemente, pois chegara já ao período de estágios no 10º semestre), o Paulo Zimmer secretário-geral e o Clairid de Paoli tesoureiro e, para completar, no 38º Congresso da UNE, o CASL se torna sede da Secretaria de Biomédicas da UNE.

Era muita coisa para nós, que quase totalmente estávamos dedicados ao trabalho nacional. Não que tivéssemos abandonado a frente interna, mas nos retraímos bastante. A Eliete Pereira é eleita Presidente do CASL em 1987 (não houve eleições depois disso, por várias circunstâncias), o CASL continua atuando, mas se ressentia da sobrecarga de tarefas nacionais e da apatia que toma conta do País e, por que não, dos estudantes da Faculdade de Medicina da UFRGS. Falando rápido, nessa época o CASL participa da Comissão Interinstitucional de Saúde do Município, tenta organizar o departamento estudantil da AMRIGS, ganha 3 Olimpíadas da UFRGS, etc. Nessa época estamos organizando o 1º CLAEEM, as frentes de trabalho (projetos estudantis de atenção primária em saúde em comunidades, com um grupo aqui, que atua na Fazenda São Pedro em Guaíba, e depois com um grupo que participa da primeira frente nacional em Fortaleza), temos aqui a sede de alguns núcleos de interesse nacional (saúde do trabalhador, práticas alternativas, núcleo de mulheres, núcleo de pacifismo), organizamos estágios nacionais de férias, etc. Ou seja, fizemos muito, mas isso não aparecia, não ocupava nem as páginas do Bisturi. Parecia então que o CASL estava decadente. No início de 1988, realizamos o 1º CLAEEM, a sede da Coordenação Latino-Americana então criada é o CASL. Conquistando a América Latina. Foi tanta gente que participou de tanta coisa neste Centro. A Profª Maria Inês Schmitt chegou a propor brincando que se criasse uma disciplina do CASL, pois muitos e destacados estudantes desse curso passaram pelo CA



e estou certo de que isso foi fundamental para construir uma visão crítica e abrangente do que é ser médico e, em especial, do que é ser um cidadão participativo e criativo, atributos fundamentais em nossa profissão.

Mas voltando às minhas histórias, em 1988 ainda somos reeleitos como sede da DENEM, fizemos este sacrifício extra pois os demais CASs do país não se julgaram em condições de fazer o que o CASL vinha fazendo. Assim foi que a Eliete foi eleita presidente da DENEM, a Suzan secretária-geral e a Márcia Nunes tesoureira no XIX ECEM de BH. Em outubro de 1988, no 39º Congresso da UNE, sou eleito de novo membro da executiva da UNE, agora no cargo de Secretário de Relações Internacionais, e aí o CASL se ressentia pois a renovação que vinha se dando com grande regularidade no pessoal do CASL sofre a ruptura devido ao trabalho nacional e internacional que nos afasta muito de POA e portanto do dia-a-dia da UFRGS. Mas mesmo assim o CASL estava presente na greve, rearticulando (ou tentando) o CRT, reeditando o BISTURI, etc.

Agora é chegada o momento de darmos novo impulso ao CASL, em setembro e outubro estaremos entregando nossos mandatos na UNE e DENEM, ainda ficaremos aqui com o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Serviços da Área da Saúde — CEPESAS (encarregado do ensino médico, frentes de trabalho e políticas de saúde da DENEM e CLAFEM), com a assessoria internacional da DENEM, com a sede da CLAEEM e, última aquisição, a sede da União Internacional dos Estudantes de Medicina. Mas estaremos desobrigados de um grande peso e será o momento de retomarmos uma reconstrução da parte abandonada do CASL esses anos.

Mas ao escrever tudo isso eu queria que vocês se dessem conta, ainda que em breve, de toda a riqueza que encerra a atividade do CASL. Venha, se arrisque a conhecer algo mais que a rotina das aulas, saiba que aqui

podrás descobrir outras dimensões da vida universitária, da vida. Vida às vezes tão esquecida em nossas próprias pretensões. Hoje o CASL é lugar de resistência em meio a uma sociedade perplexa, não solidária e desmotivada. Compartilhe suas ambições e desejos. Participe da reorganização das secretarias, do seu trabalho, das publicações, dos debates, dos encontros, enfim de tudo o que a nova gestão espera fazer com a tua colaboração. O CASL tem sido aberto e plural, teu passe de entrada é o interesse, a vontade, o trabalho. Há muito o que fazer. O CASL não é um CA comum, acumulou uma bagagem que exige muito e nós que temos trabalhado nele, ainda que por vezes nos vejamos como fechados e inacessíveis, queremos a tua participação, a tua garra. Nós demos a nossa contribuição e por isso, coisa rara nesses dias, nos sentimos responsáveis pelo que aconteça com o Sarmiento Leite.

Participe: Secretaria de Ensino, de Cultura, de Esportes, de Trabalhos Comunitários, do CEPESAS, da assessoria internacional, CLAEEM, UIEM, científica, da organização da cooperativa de material didático, representação discente, da associação de monitores e bolsistas, do videoclipe, enfim, do que queiras fazer do nosso, do teu CASL.

Fomos muitas vezes acusados de tantas coisas, fomos respeitados, polêmicos, odiados, amados, tudo ao mesmo tempo. O único que queremos é que tenhamos certeza da honesta dedicação com que temos trabalhado, pois se hoje temos atritos com a Reitoria, com a direção da Faculdade e outros, é porque temos sido intransigentes na defesa dos direitos estudantis e nunca fizemos o jogo de interesses que poderia nos fazer galgar simpatias ou favores, nunca vendemos nossa alma ao diabo e sentimos orgulho disso. Te convidamos a fazer o mesmo. Participe.

ARMANDO DE NEGRI FILHO
ATM 90/2

Biblioteca
FAMED/HCPA

PORQUE TRABALHAR NO CENTRO ACADÊMICO...

Durante o governo militar, muitos Centros Acadêmicos tiveram um papel importante na política nacional, num regime de exceção, onde os descontentes eram "desaparecidos" e a força avançava — armada — pela direita, os estudantes não tinham muita escolha ao optar pela militância estudantil. Tratava-se de assegurar a sobrevivência. Lutar por liberdade nunca foi tão necessário. Tal conjuntura levou a uma progressiva (e, talvez, necessária, se analisarmos o contexto histórico no qual se inseriu) aparelhização das entidades estudantis: ou seja, os partidos de esquerda passaram a ocupar, através de seus militantes, os espaços de representação estudantil universitária e secundarista.

Muita água rolou de lá para cá. A repressão já não bate tanto. Pelo menos não ostensivamente. Hoje gozamos, indiscutivelmente, de uma liberdade de expressão maior do que nossos colegas da década passada. O inimigo mudou. Já não é tão identificável. Não usa farda. Entretanto, o Movimento Estudantil (ME) não mudou tanto assim.

Os últimos Congressos da UNE caracterizaram-se por embates entre tendências como a Viração e a Convergência Socialista onde o mais importante acaba sendo conquistar cargos, aparelhar a União. Discutir o Movimento Estudantil, o estado falimentar de nossa educação, bem como dos diversos setores produtivos do país já não é mais prioritário. A luta interna da qual a UNE é vítima parece estar ditando os interesses de um Movimento Estudantil inadequado e anacrônico, que não reflete a vontade da imensa maioria dos estudantes brasileiros. A politicagem — praticada pelas elites dirigentes — tão combatida pelos estudantes, parece ter se apoderado das mentes estreitas dos militantes estudantis que preconizam um ME partidário. Já é hora de romper com este ciclo vicioso que parece impregnar o ME, afastando-o da realidade dos estudantes. A UNE, os DEEs, e os Diretórios Acadêmicos não devem ser utilizados como meramente espaços de luta por mais poder.

O ME precisa mudar, e caracterizar-se como algo novo, tremendamente político, crítico, inovador, dinâmico, capaz de ajustar-se constantemente às necessidades e prioridades dos estudantes. Defender um ME político não quer dizer que este deva ser partidário. Muito antes pelo contrário. É lutar pela melhora de nosso Ensino, tão fragmentado e totalmente dissociado com a prática profissional futura e a realidade da população.

Defender um ME político é defender o questionamento aos estudantes que se consideraram "vanguarda" de algo débil, fragilizado pela falta de representatividade e respaldo.

Por acreditar que a atual prática do ME deva ser reformulada, ajustando-se às necessidades dos estudantes; que o ME desempenhe um papel fundamental na conscientização das pessoas, na formação pessoal e profissional dos estudantes, do Ensino e consequente transformação social é que pretendemos trabalhar no CA da Medicina na próxima gestão.

Trabalhar no CA da Medicina nos parece hoje ocupar um espaço de resistência frente à progressiva deterioração de nosso Ensino Médico. Ocupar este espaço é lutar pela transformação do Ensino Médico, de adequá-lo às necessidades de nossa população, é de lutar pelo respeito aos direitos e à dignidade dos nossos pacientes.

O espaço está aberto. Esperamos sua opinião.

Ricardo ATM 93/1

Prá quê que serve um jornal?

Comunicar. Parece incrível, mas fala-se demais e comunica-se muito pouco. Um sério problema porque para organizar é preciso comunicar. Ora, mas comunicar o quê?, para quê?, entre quem?, enfim: por quê existe um jornal? Genealogicamente: como é que algum dia este errante ser *Hommo sapiens sapiens*, a única existência que precede a essência — segundo ele próprio, teve a brilhante idéia de “fazer um jornal”? Bom, não foi logo após a descoberta do fogo, da ponte, da espada(?), da cruz(?)... — pelo menos ao que se refere ao “con-texto” de jornal a que nos referimos. Quero alertar — com isto — o quanto elaborado é o processo de comunicação que tem um jornal como um meio de se fazer existir, de acontecer. Nós, que vivemos a era da telinha, parece que estamos nos insensibilizando para formas de comunicação algo mais elaboradas como as que se dão via escrita. É claro que a cada momento nos deparamos com letzinhas aqui e ali — que lemos passivamente e que nos empurraram cabeça adentro... Mas: e a manifestação elaborada, o uso de liberdade conferido aos que puderam o adquirir-se por esta lide é simbólica que representa e escrita? Isto é: você ficar puto da cara com determinadas coisas que acontecem ao seu redor — e aqui eu falo com ênfase especial ao ambiente que temos na universidade — e por isto no papel, escrever para registrar a indignação e começar aí qualquer coisa no sentido de uma mudança qualquer; ter ciência desta possibilidade e liberdade de agir. Acredito que seja este — realmente — o indivíduo alfabetizado: aquele que é capaz de ter este uso do simbólico (que são a escrita e o ler) como mais um espaço de sua expressão e liberdade no mundo. Mas isto são outras boas bolas. Contudo: para que serve um jornal do CASL? Um jornal é um instrumento de comunicação. No caso do Centro Acadêmico... Não. Antes: um grupo qualquer. Um grupo qualquer tem alguma coisa para viver junto (fazer medicina, por exemplo). Essa alguma coisa pode ser vivida de várias maneiras. Se esse grupo for um grupo de seres livres, haverá discussão (apostemos?) para ver como isto será vivido; (será vivido ali, em suas relações com o restante da sociedade, em sua crítica, em seu fazer — exemplos). Buenas, muitas vezes se discute a ponto de desidratação. Acreditamos muito piamente (geneticamente...?) que aí tivemos a gênese do jornal na errância da humanidade pelos confins do universo (multiverso). A partir do momento em que os seres humanos não puderam chegar a um ponto final discutindo, eles inventaram o copo. Com isto, quando ficavam sedentos de discutir — ao invés de pararem para refletir um pouco — bebiam e continuavam. Foi a época das mil e uma noites de discussões. Homéricas jornadas discursivas e congêneres afins e etc. e tal... Buenas, isto até o dia em que perceberam que estavam meio que sendo prendidos por aquela falação toda a nível grupal. Perceberam que era preciso elaborar melhor alguns entendimentos após algumas discussões para incrementar o processo, isto é: preparar a vida coletiva através da individual e vice-versa melhor (que bonito, né?). Todavia, de vez em quando, alguns precisavam se ausentar das famosas rodas de discussão. Então estas pessoas deixavam os seus dâs para amigos seus e eles, então, passavam os dâs adiante nas rodas de discussão. Ainda assim haviam problemas. Porque as pessoas esquecem, puxam, torcem, cansam, têm medo, etc. e acabam por não dizer o que é preciso que seja dito. Foi assim que num belo dia um-desses-que-de-vez-em-quando-se-ausentava chegou com um presente que havia ganhado dos deuses enquanto passeava em meio a vales verdejantes, paisagens desbundantes e congêneres... Tinha tope vermelho e tudo! Ele havia dado umas chacoalhadas, sentido o peso, o cheiro, imaginava alguma coisa, enfim. Aí ele chegou para seus amigos de roda de dâ e mostrou o presente. Duro de abrir aquele troço! Demorou... no entanto, finalmente — juntos — conseguiram. Lá estava ela: a

escrita. Bom, aí eles chegaram a algum meio consenso sobre a escrita — com mais alguma discussão. Com o papel do presente eles escreveram o primeiro alfabeto. Com o tope, a primeira encadernação. Aí eles liam aquele troço e se ensinavam a escrita. Aquilo foi uma revolução nas rodas de dâ. Era a solução para a tão necessitada elaboração de idéias pós-pré-dâ-scussões. Havia, em primeiro lugar, muito mais dâs porque o pessoal escrevia e ia acumulando. Era legal porque percebiam que muitos dâs juntos davam dâsões — por vezes até bonitos — de tão mais dâs que se pudesse ter sozinho. Mas era muito importante o dâ de cada um. Muito! Porque sabiam que se não juntassem os dâs ficava tudo embolado. Ninguém mais se entendia e entendimento algum não mais existia. Chegava até nem mais ser tão legal ficar junto para trocar os dâs que haviam colhido pelos campos floridos — onde iam preparar seus dâs todos, para que cada vez mais legais fossem os dâsões. Eram legais porque aproximavam as pessoas do que elas tendiam a ser. Traçavam realmente a individualidade de cada uma delas. É claro que havia achegares e afastares entre todos. Mas eram claros e bem traçados, reais mesmo, limpos. Liberdade era aquele livre traçar das tendências, dos vires-a-ser de todos.

Histórias em quadrinhos feita... É importante nos conscientizarmos da nossa existência — do nosso ser presente. Conscientizar-se é desalienar-se. Por exemplo do quê eu quero dizer com isso um monte de gente boateia sobre miles problemas que estão ocorrendo nos mais diversos semestres do curso, e — cabe perguntar — por que razão não escrevem sobre os mesmos; (e agora estou apontando o dedo para mim mesmo); por que não se tenta mobilizar atenções para os mesmos?, por que ficou tão fácil eles fazerem o que querem com a gente e a gente agüentar na boa? COMO? (cos diabos — tem alguém que chegou a ler até aqui e entenda próximo? por favor: conversemos — mesmo sem versos!). Afinal um jornal serve prá quê? Prá que todo mundo sabe escrever? A coisa toda pode começar a ser vista pelo jornal ou será já demais começar por aí? PÔ! O importante é parar e fazer um dâ! Só para ver o que acontece. Ou preferiremos o ajuntamento-eterno-manipulado por poder-pessoas sermos? A consciência do Nada isolada pode ser enganadora... tem que haver cor-agem para arriscar a possibilidade-ao-lado no mínimo de vezes... pô! Um jornal como o nosso do Bisthuri serve para agilizar e elaborar problemáticas de vida que — na maior parte dos casos — não podem ser terminalizadas num só processo de discussão pelas mais diversas contingências dos nossos enredos de vida, isto é: (por exemplo) é difícil nos ajuntarmos num espaço-tempo e discutirmos o currículo da faculdade; no entanto temos instrumentos e somos capazes de fazê-lo (apostemos de novo...) e por que não o fazemos? E precisamos! Para mim o jornal está aí para que a princípio se discuta a problemática interna do curso nas mais diversas abordagens. Para que utilidade principia um grupo faria uma composição escrita (não pensem nos deuses, por favor) senão não para discutir probleminhas? Que é óbvio que a coisa foi desvirtuando (senão começou a tal qual...), os colegas eméritos não precisam nem se dar ao trabalho de o colocar... É incrível... mas precisamos da ajuda do outro até para odiarmos... Portanto, eu vou assinar este texto, firmar um ponto no espaço por um tempo (nada como tal nesta maravilhosa Era do Encimadomurismo...) Se você que me tem lido até aqui tiver alge (entenda-se: desejo, ânsia, vontade, inquietude-afins) a dizer (anote que talvez demore a nos encontrarmos), em havendo qualquer tesão e na medida recíproca da disponibilidade de nossos sacos, eu... disponibilizo desde já a fazer qualquer coisa.

P.S. Veja lá: às vezes eu olho para as plantações de abóboras e abobrinhas que tenho plantado com a palavra e fico a me perguntar — enquanto o vento se me dá de frente ao rosto e os olhos no hori-

zonte — e isto tudo? aonde tudo isto me conduzirá? Aí eu tremo! Mas eu vejo... vejo que em meio a saca das sementes de abóbora existem outras sementes... que também crescem e frutificam... então eu vejo... a saída para diversificação! o adeus à monocultura... só que é preciso cuidar daquelas idéias soltas em meio aos maravilhosos campos da abóbora... sei lá... eu imagino aquilo-isso-tudo diversificado... diversificação de culturas... outras cores... fica até mais bonito...

Leandro Jones
da FAMED-UFRGS

SECRETARIA DE ENSINO E CEPESAS

Em abril de 1988 durante o Conselho Nacional de Entidades Estudantis de Medicina — CONEEM, que foi realizado em Botucatu — SP, decidiu-se a criação de um Centro de Estudos e Pesquisa — CEPESAS. A criação do Centro visou suprir o movimento Estudantil de Medicina do Brasil e América Latina de um centro próprio, que desenvolvesse um trabalho de documentação, investigação, divulgação e formação de recursos humanos na área de educação e serviços de saúde. Projeto ambicioso, o CEPESAS tenta firmar-se como um centro de referência capaz de desenvolver uma política independente e inovadora no campo da saúde. A sede do CEPESAS é em Porto Alegre, no CASL. O Centro congrega estudantes e dedica-se a várias linhas de trabalho. No que se refere ao Ensino Médico temos um grupo que se reúne aos sábados à tarde, às 14 horas, no CASL Biociências.

Este grupo formado em Setembro também se dedicará a servir de base para a Secretaria de Ensino Médico do CASL. As tarefas propostas pelo grupo hoje correspondem à necessidade de embasar e operacionalizar algumas propostas da DENEM e do CASL a nível local, nacional e continental. Portanto está dividido nos seguintes grupos — tarefa:

1) Análise do perfil de morbi-mortalidade local, estadual e nacional para fins de definição dos conteúdos curriculares na forma de situações — problema, com definição dos conhecimentos básicos e clínicos necessários; 2) Estruturação de situações-problema para Ensino das disciplinas básicas (iniciando com anatomia e semiologia); 3) Avaliação retrospectiva e prospectiva das capacidades adquiridas pelos estudantes ao longo dos ciclos do Ensino Médico; 4) Reestruturação das disciplinas e conteúdos da Medicina Social/Saúde Pública/Atenção Primária à Saúde; 5) Processo de avaliação e definição da hierarquia dos serviços de saúde; 6) Estudo dos processos de municipalização/distritalização da rede de Ensino-serviço; 7) Estudo e aprimoramento do marco teórico referencial para a transformação do Ensino Médico; 8) Desenvolvimento do projeto de avaliação prospectiva do Ensino Médico; 9) Estudo do perfil do corpo discente de medicina do Brasil; 10) Edição dos relatórios sobre Ensino Médico e situação de Saúde no Brasil e na América Latina; 11) Desenvolvimento de Currículos Experimentais Paralelos.

O grupo está aberto à participação de interessados, os quais devem comparecer nos sábados à tarde no Biociências.

O CEPESAS esteve representado no Seminário Macro-Regional da ABEM em Santa Maria, RS, de 28 a 29/9/89. Na ocasião decidimos organizar, através do CEPESAS, uma reunião que defina diretrizes para intervenção no processo das leis orgânicas municipais, visando garantir espaço por um Ensino e assistência coerentes com nossas propostas. Tal reunião será realizada no dia 28/10, no HCPA, das 9h às 18h, sendo oferecido almoço. Em novembro planejamos uma reunião para discussão sobre o uso da epidemiologia; para definição e organização dos conteúdos curriculares, servindo-nos inclusive da experiência já iniciada na UFpel.

Armando — ATM 90/2
Coordenador Geral do CEPESAS

CRÍTICA MUSICAL DO BISTURI

DOS HIPPIES AOS YUPPIES,
20 ANOS DE WOODSTOCK.

"I had a dream ..." John Sebastian
Em agosto de 1969. Há 20 anos atrás, meio milhão de jovens invadiram pacificamente a fazenda de Max Yazgur — as colinas de Bethal. Estava para acontecer o que era o auge de um movimento que vingou no verão do amor de São Francisco em 67, ou aquela que seria uma das maiores manifestações jovens de todos os tempos: o festival de Woodstock.

Woodstock durou três dias e três noites que mostraram ao mundo uma sociedade que combatia fuzis com flores no cabelo, a tecnologia que destruía o planeta com um retorno à vida em contato com a natureza e a violência com paz e amor.

"Three Days of Peace And Music"

Mesmo sujeito a diversos problemas como a chuva, a falta de comida e o desconforto não se registrou nenhuma briga. A violência ficou retida à fúria com que Hendrix destruiu e queimou sua guitarra na execução do Hino norte-americano e no impacto causado entre os meios conservadores da época. Entre viagens isérgicas e sonhos da Era de Aquarius, o jovem andou pelos caminhos da reflexão entre o certo e o errado, do misticismo de Kishna, daqueles que foram lutar para proteger a família americana matando asiáticos inocentes. Quem se alienava, eles ou o mundo? O tempo iria dar as respostas.

Hoje, Woodstock não é mais que cinzas e um monumento de bronze e pedra na pacata Bethal. Será? Woodstock representou em 89 uma tentativa de reviver o festival em megaproporções. Faliu! As potências econômicas, donas da forma de pensar de milhões de jovens, destruíram seu projeto por ambicionarem demais os lucros. Que sorte, pois poderíamos estar usando agora a griffe Woodstock da Ellus, vendo o Cid Moreira dizer "None Dream is Over" ou um patético Drug Aid com referências a Woodstock.

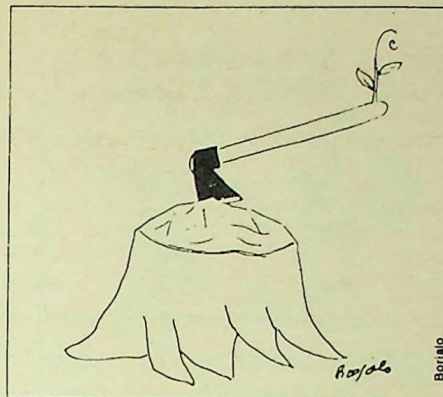
As cinzas foram e o som não ecoa mais, estamos no final dos 80. A idéia de uma vida Yuppie vigora e não há mais tempo para ideologias hippie, punk, beatnik ou qualquer que seja. O negócio é f* para

satisfazer a libido, amar é perder tempo de uma vida de negócios e dinheiro. O pior é que quem apodrece é uma juventude inerte, inconsciente e alienada (com isso você pode concluir o que um alienado pensa do outro). Só resta uma pergunta: você quer ser jovem? Vá dançar um new acid beat e ver a quantas anda o som do final dos 80. Mas, não esqueça: não pense muito, não crie ideologias ... seus heróis já morreram de overdose.

PARTE II: A DÉCADA DE 80

E então, após nos desviarmos de "disco-songs" e pantolombas estampadas atingimos aquilo que nem Orwell soube prever: os anos 80. Qual seria o nosso destino? Será que nossos ouvidos e mentes estavam condenados ao tédio e à inércia de tudo que já se tinha feito? Espremidos entre a guerra fria do cowboy Reagan e a tecnologia que aproximava-nos velozmente do futuro, jovens sem expectativa e sem forças tocavam suas guitarras e cantavam suas desilusões e seu desprezo pela mediocridade. Era o pós-punk, algo que países com décadas de atraso, como o nosso, nem tomaram conhecimento. Mas na Europa, na América, a década prometia...

Nesta época, bandas como The Cure, U2, Talking Heads pipocavam e traziam algo de novo, como um mundo sem perspectivas cheio de pessoas vazias, o que os movia a questionar o mundo sem a ingenuidade de outros tempos, ou abandoná-lo pelo escuro das roupas e das drogas. Sim, nesse tempo, Bela Lugosi ressuscitava dos filmes de terror "B" do passado para passear pelos devaneios dos responsáveis por uma nova contracultura. É, mas tudo que é bom nunca durará, e o dinheiro, sempre ele — atíçou os corações desses jovens para ambições tão comuns a esta década. Claro, que ingenuidade! Foi então que vieram os rótulos, estes que sempre são dados a coisas que já estão definindo, e o sistema os engoliu mais rápido e mais fácil do que nossa percepção. Qualquer expectativa morria, e o comércio, puro e complexo, tomava conta daquilo que alguns insistiam em chamar de Rock.



Com a virada, a ordem passou a ser: produtos bem amparados e divulgados de consumo rápido e em massa. E a qualidade? Mais duvidosa ainda que a sinceridade. O que vale agora, é ser o mais individualista possível, tanto que os movimentos do passado parecem não ter o menor sentido, apenas sendo reeditados em modismos novos, com fins puramente estéticos. A juventude mudou porque os tempos mudaram. "Garotos bonitinhos", produzidos, e em pouco tempo milionários, fazem parte da rotina do show business, enquanto as gravadoras multinacionais e poderosas sustentam o mercado ao apostar na sua diversificação de produtos. É o mundo do "jovens profissionais urbanos", os yuppies, e sua música movida a computadores, voltada para a dança e com pouco sentimento, mas feita de encomenda para o ainda mais lucrativo mercado dos CDs. Os grupos de antigamente estão sendo substituídos por duplas, ou apenas uma pessoa, como é o caso dos DJ's, todos parecidos na sua sonoridade. Fazer música está se tornando um negócio, um trabalho como todos os outros, aonde os novos "postars" não só sabem que são fabricados como assumem isto, pois, antes de tudo, são profissionais. Nada poderia ser mais diferente daquelas idéias de Woodstock. A mediocridade é lei no mundo rotulado de ... "moderno".

Júlio Weissheimer
Rogério de Souza Duarte
ATM 92/2

JOGOS ACADÊMICOS

Biblioteca
FAMED/HCPA

Terá início no dia 14 de outubro de 1989 o V jogos Acadêmicos da UFRGS.

Os jogos Acadêmicos da UFRGS são uma promoção da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através da Associação Atlética Acadêmica (AAA/UFRGS), com o apoio da Pró-Reitoria da comunidade universitária, Centro Olímpico, Escola Superior de Educação Física (ESEF) e diretório central dos estudantes que tem como finalidades principais difundir e desenvolver a prática dos esportes no meio universitário, promovendo o intercâmbio social-desportivo entre os acadêmicos, assim como proporcionar o surgimento de atletas valores que possam vir a representar a UFRGS em competições esportivas universitárias.

Os jogos serão disputados por concorrentes de ambos os sexos, alunos dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em representação por diretório ou centro acadêmico, apenas será vedada a participação de alunos atletas registrados em ligas ou federação na categoria profissional.

Constam na programação esportiva as modalidades de:

- a) Atletismo (masc. e fem.) 100, 400, 1500 e 4x100 mts
- Salto em altura, salto em distância, arremesso de peso e rústica
- b) Voleibol (masc. e fem.)

- c) Natação (masc. e fem.)
- d) Xadrez (masc. e fem.)
- e) Futebol de campo (masc.)
- f) Futebol de salão (masc. e fem.)
- g) Judô (masc. e fem.)
- h) Tênis (masc. e fem.)
- i) Tênis de mesa (masc. e fem.)
- j) Handebol (masc. e fem.)
- k) Basquetebol (masc. e fem.)

Para realização da competição de cada modalidade, deverá haver um número mínimo de quatro (4) equipes inscritas, tanto nas modalidades coletivas como individuais.

Será considerado campeão geral dos jogos a faculdade que somar maior número de pontos obtidos nas classificações por modalidades, em cada sexo.

O critério adotado para contagem geral de pontos é o seguinte:

1º lugar	10 pontos
2º lugar	08 pontos
3º lugar	06 pontos
4º lugar	04 pontos
5º lugar	02 pontos
6º lugar	01 pontos

Em caso de empate a vantagem é da faculdade que obtiver o maior número de primeiros lugares, persistindo o empate será colocado em vantagem

aquela que obtiver o maior número de segundos lugares, e assim sucessivamente para os demais lugares.

Os atletas e as equipes que obtiverem primeiro, segundo e terceiros lugares serão condecorados com medalhas de cor ouro, prata e bronze respectivamente.

Todos os jogos serão realizados no centro Olímpico e a cada fim de semana será destinada a uma determinada modalidade, deixando apenas as finais de cada modalidade para o dia do encerramento dos jogos Acadêmicos, onde também se fará a entrega de premiações dos atletas.

As pessoas que fazem algum esporte e que estiverem interessadas em participar dos jogos Acadêmicos da UFRGS poderão se dirigir ao Centro Acadêmico Sarmento Leite (CASL) deixando o nome do atleta, o telefone, o endereço e a modalidade da qual deseja participar, ou então falar diretamente com o CHOU, ou KLAIRTON ou o KRAMER.

O início dos jogos Acadêmicos no dia 14 de Outubro será com as modalidades de VOLIBOL e FUTEBOL DE CAMPO. As pessoas dessas modalidades deverão procurar, URGENTEMENTE, o CASL. E esperamos também que a torcida compareça em peso para prestigiar e incentivar os nossos atletas, transformando os jogos Acadêmicos em mais uma festa da medicina como foi nos anos de 1985 e 1986.



PERFIL PSICOSSOCIAL DO ACADÊMICO

Roberto H. Omomo ATM 92/2

1. Introdução:

No Brasil, existem 130 milhões de habitantes; destes, 78 milhões são menores de 18 anos, sendo que apenas 3% são absorvidos pelo sistema de Ensino adequadamente. Nasceram, neste país, 3,5 milhões de crianças a cada ano em meio a 25 milhões de analfabetos e 18 milhões de pessoas com primeiro grau incompleto. Os estudos mostram que de cada cem brasileiros, somente 74 obterão algum contato com a escola, sendo o restante analfabetos pelo restante da vida. Outros 62 ficarão apenas no primeiro grau, e não mais de 12 pessoas poderão cursar o segundo grau; e, destes, uma minoria de 4 pessoas terá o privilégio de frequentar alguma faculdade.

Crescimento demográfico acelerado, alto índice de mortalidade infantil, falta de definição política, economia deficiente, tudo isso contribui para um quadro de subdesenvolvimento de nosso país. E, nesse meio, surge o estudante universitário representando uma minoria privilegiada com a responsabilidade de "encabeçar" o progresso dessa nação nos próximos anos. Este grupo, formado por jovens de 18 a 27 anos, torna-se mais jovem a cada ano que passa, pois as pessoas ingressam mais precocemente. A idade, maturação psicológica, a posição que ocupa na sociedade e as responsabilidades que lhes são atribuídas concorrem para o surgimento de vários problemas acadêmicos e emocionais nestes indivíduos.

2. O ingresso na Universidade — Problemas do "Bixo"

A maioria dos calouros é proveniente das escolas privadas, portanto, com a suposição de que tenha tido melhor formação, e que teve acesso a um curso pré-vestibular, sendo, geralmente, das camadas médias, tendendo para média alta e alta.

O bixo vem, em sua maioria, com uma idéia fantasiada do que é a nossa Universidade e o que ela pode oferecer. Não possui nenhum conhecimento acerca do funcionamento da Universidade. Só possui vago conhecimento do seu curso. O calouro, ainda na sua adolescência, com as bases da sua identidade ainda não alicerçadas firmemente, encontra um mundo totalmente desconhecido na Universidade. Enfrentou a separação do grupo do segundo grau e pré-vestibular, mas há o sentimento de perda pelos que ficaram para trás.

A integração com a Universidade é prioridade. É preciso adaptar-se ao novo ritmo de estudo, às correrias, conhecer o ambiente, fazer novas amizades, etc. Pode haver dificuldade de entrosamento com os colegas se um deles é proveniente de outra classe social ou tem comportamento distinto. Em cursos como a Medicina a distribuição da

turma permite relacionamento interpessoal melhor, mas isso não acontece, havendo a formação de subgrupos com interesses diversos. Assim, forma-se um sentimento de marginalização de uma parte dos alunos que não participam destes subgrupos. Não existe um líder de turma e, sim, apenas figuras populares que realizam tarefas sem prioridade, pois não têm força suficiente para tomar posições adequadas frente a um problema de real importância para todos.

Pode haver, também, um conflito de gerações entre os pais e os jovens universitários que tomam contato com novas idéias sobre sexo, participação política, moralidade, etc.

Quando no segundo grau, geralmente, o bixo possuía um rendimento bom em comparação com a maioria dos colegas, agora encontra-se em meio a vários outros de igual aptidão e capacidade, o que torna inevitável uma situação de alta competitividade. Isto pode trazer prejuízos nas relações com os demais membros da classe, provocando stress, depressão e solidão, ainda mais se "tirar" uma nota baixa nos primeiros exames ou se tiver outros problemas em andamento.

3. Vida Acadêmica e Seus Problemas

A vida acadêmica não é somente estudo, apesar de existirem pessoas que jamais se afastam dos livros. Há os problemas específicos da Faculdade como provas e o currículo, e também problemas de ordem pessoal e social que são graves e frequentes.

Quanto à questão relacionamento interpessoal, na Universidade aprende-se a trabalhar em grupo. Em horas de folga, costumam comentar os estudos e a vida em geral. Muitos participam de centros acadêmicos, outros filiam-se a entidades político-partidárias, organizam eventos culturais e reivindicatórios. Por outro lado, a maioria prefere abster-se reservando seu tempo para outras atividades fora da Faculdade.

Quanto à identidade com o curso, a escolha profissional é embasada em múltiplos fatores e não em causas isoladas apesar de que um fato possa ser determinante. A troca de carreira ou "trancamento" do curso podem estar calcados em motivos reais como total incompatibilidade com o curso. Todavia pode ser uma tentativa, até inconsciente, de resolver problemas psicossociais que certamente não serão resolvidos com esse ato.

Quanto à questão sexual, estudos de famílias e comportamento humano, mostram que existe, ainda hoje, em nossa sociedade, um complexo de virgindade para com o sexo feminino. Paradoxalmente a isto, exige-se que o rapaz exerça atividades sexuais precocemente, não apenas por questões físicas e psicológicas, mas principalmente por uma "condição essencial de varonilidade", sendo a castidade masculina ridicularizada pelos demais e considerada como impotência sexual ou "coisa de gay". É o complexo de virilidade no homem. E, para acentuar nossa sociedade endrocêntrica, por mais que os homens tivessem tido atividade sexual antes do casamento, não aceitam casar-se com mulheres que tiveram experiência sexual pré-matrimonial. Somente os jovens mais recentes são mais flexíveis neste assunto. Assim, a virgindade torna-se uma questão, já que há a pressão, por um lado, dos pais, e de outro dos parceiros/namorados. Há, ainda, a questão da gravidez a preocupar o jovem. Acredita-se que distúrbios sexuais entre acadêmicos não sejam muito diferentes da sociedade em geral, que se implantaram em outras fases da vida e só se agravaram pela ansiedade trazida por maiores responsabilidades. O abuso do álcool e consumo de drogas suplantam estes problemas (não há considerável variação quando comparados com o resto dos adolescentes urbanos). As bibliografias falam que bem mais da metade dos adolescentes chegam à Faculdade ainda virgens.

4. Conclusão

Sabemos que os costumes sexuais mudaram muito nos últimos anos, principalmente entre os jovens, mas que a incidência de relações sexuais não aumentou consideravelmente entre os acadêmicos. Porém, a educação sobre AIDS e outras doenças venéreas é útil.

Em vista do que foi argumentado, creio que deveria haver alguma orientação social e psiquiátrica de fácil acesso para os universitários, além de auxílio imediato para os que já apresentam problemas. Há, também, a necessidade de um estudo minucioso sobre este grupo.

E oportuno lembrar que o desenvolvimento de um país depende muito do nível de Ensino do seu povo e que investimentos bem dirigidos neste setor têm primazia para a independência tecnocientífica do nosso país. Investir na educação também é investir na saúde do estudante.

Porto Alegre, 1988.

OS SANTOS SÃO OUTROS

O dia era esperado com ansiedade. Os candidatos andavam exaltados. Os eleitores, angustiados. As ruas se enchiam de papéis. Santinhos. Réplicas de cédulas espalhadas por todos os cantos, desde a prefeitura até os currais das fazendas distantes. As imagens que os papéis desenhavam no chão eram fantásticas: verdadeiros jardins de flores, animais, ou até a caricatura de algum candidato. Isso dava, inclusive, motivo para gozação de algumas espécies exóticas que concorriam aos cargos. Os desenhos feitos dos papéis eram obra-prima do senhor vento norte e do redemoinho que, às vezes, tomava conta dos ares. Depois, se chovia, era engraçado ver os candidatos encharcados escorrendo pelas sarjetas.

Isso quando os santinhos não se desintegravam numa massa pegajosa de celulose.

Alguns poucos candidatos eram salvos pelos inocentes garotos que recolhiam os santinhos para brincar. Viravam a foto de modo que ficasse com a cara no chão e iam dando tapas fortes para tentar desvirá-los. Quanto mais tapas, mais desviravam os candidatos. Alguns meninos rasgavam os santinhos ao meio separando a cabeça do pescoço. O número enorme que jazia embaixo ficava separado, disforme do contexto.

Em muitos escritórios locais, os santinhos eram juntados um a um e grampeados. Davam ótimos bloquinhos! Enquanto a secretária atendia os telefonemas, virava o bloco para apreciar a cara do candidato e acabava pintando algum dente com a caneta displicente. O sorriso tão significativo do candidato acabava bangueado. Surgiam bigodes e barbas naqueles homens tão caprichosos com a aparência. Alguns adquiriam óculos enormes através das mãos hábeis das secretárias.

Nas vilas mais pobres, os santinhos grandes, os santões, eram a preferência! Supriam por algumas semanas a falta de papel higiênico. Nas escolas os santinhos eram famosos! Havia até trocas de candidatos entre os alunos que formavam o álbum de santinhos do ano. O problema sério que os diretores enfrentavam em suas escolas eram as brigas. No puxa-puxa entre dois garotos vários santinhos eram rasgados ou esfacelados. O garoto que ficava com a cabeça saía ganhando, ou perdendo, deperdia do candidato.

Nas ruas, eles serviam apenas para aumentar o lixo da cidade. Até certo ponto era perdoável e compreensível, mas os garais não gostavam muito, não. As praças e gramados eram os lugares preferidos, onde eles mais se divertiam. Espetavam todos os candidatos e concorriam para ver quem lotava seu carrinho mais rápido. Era uma febre e tanto!

Os santinhos que acabavam sendo levados pelo vento e se metiam no meio dos trigais eram devorados pelas máquinas que faziam a colheita. Alguns viravam farinha, e outros, mais sortudos, eram exportados. Nos currais e poteiros estavam os santinhos de má sorte. Eram pisoteados pelos cascos duros das vacas e cavalos. Eram devorados junto com o milho pelos calmos e pacientes porcos. Não se sabe até hoje como alguns deles apareciam ornamentando a guampa de um touro bravo.

Nas macumbas os santinhos faziam o forte! Encontravam-se alguns candidatos nas esquinas, no meio de velas, milho e galinhas mortas. Era a sensação do momento. Mas, cá pra nós, perdoem-me os candidatos, se os santinhos estivessem submetidos pelo país inteiro ao "vodu", certamente não sobriaria candidato para preencher vaga em cargo algum!

MÁRCIA MURUSSI

14/02/89

UFRGS - MED - 5º SEMESTRE

AMOR ANDINO DE MAIS?!

Meu amor quer ser maior do que pensei, penso ou pensam,
 É como as cordilheiras mais altas,
 Encapuçadas da neve mais branca e luminosa, mais ofuscante, que
 mais fere os olhos humanos,
 Só que não eternamente,
 Nessa cordilheira há mais de uma estação,
 Há as primaveras,
 Onde as pequenas flores nunca se sentiram tão leves, tão alegres,
 E, contrárias às leis como a da gravidade,
 Nunca respiraram ar tão amplo,
 No topo dos céus,
 Lá onde nascem e correm vigorosos os oceanos ainda puros,
 Os brotos lá são mais solidários, ternos, solitários e libertários,
 O amor se recusa a descer dessa cordilheira que me ajudou a
 escalar,
 Posso descer, se quiser, mas ele me diz que ficará,
 Que voará de carona nas asas do condor.
 As pequenas flores também podem florescer nos vales,
 Mas já não sentirão o ar gelado, lancinante, cortante, nos seus
 rostos,
 E suas pétalas não se regarão com aquelas lágrimas vulcânicas
 dessas alturas de dor também,
 Nesse afogar de ar,
 É que descobrimos,
 Que a primavera, impossível nessa altura,
 Vai existir,
 Sem precisarmos renunciar a um passo desse amor,
 Dessas paragens amargamente verdadeiras,
 E descobrimos que elas são o chão mais humano e desumano que
 nossos pés podem pisar,
 E que são as terras mais profundas da felicidade,
 Paridas do parto mais doloroso,
 Metamorfosado no amor quase insuportável,
 Acima até do desespero mais desesperançoso
 Ele se recusa a decrescer, diminuir, descer,
 Só aceitará, no máximo,
 Esperar fecundando a próxima estação primaveril na cordilheira,
 Na qual ele estará em cada uma das pequenas flores,
 Com o mesmo nome e a mesma cor,
 Só mais madura e forte pela espera fértil,
 Ou só trocará o nome e a cor de uma das pétalas,
 Se a outra quiser voar teimosa como anunciadora da nova estação
 impossível pra outra cordilheira.
 Joba

Biblioteca
FAMED/HCPA

A NÓS DOIS

Um dia,
 Aqueles dois,
 Que se falaram tanto
 Que se brincaram tanto
 Nunca imaginaram
 Tanto se querer.

Somente o Sol,
 Testemunha daquela manhã
 Quando, sem querer,
 Se apaixonaram
 E, ingenuamente, deram-se as mãos
 E saíram
 Pra qualquer lugar
 Por um motivo qualquer
 Só por querer
 Ser
 Aqueles dois, nós dois.

O que diremos então?

Daqueles dois que fomos nós
 Agora que partimos deixando o Sol
 Depois de revelarmos segredos
 Nos despindo sem pudor
 Sem saber que era amor.

O que direi, o que dirás, então?

Não há lembranças:
 Não havia passado
 Não há esperanças:
 Não haverá futuro

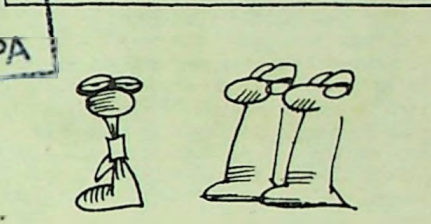
É ternamente:
 a manhã
 Éter na mente:
 o sol
 E ter na mente:
 aqueles dois
 Eternamente:
 nós.

Andréa Trindade

Luis Fernando

Verissimo

As Cobras



EXPEDIENTE

O BISTURI

Márcia (ATM 94/2); Rita (93/1); Maira (ATM 93/2); Loreci (ATM 93/1); Ricardo (ATM 93/1); Andréa Trindade (ATM 92/2); Chou Tsing Yi (ATM 92/2); João Batista (O Joba) (ATM 92/2); Luiz Fernando Rivero (ATM 92/2); Marsal (ATM 92/2).

O Jornal "O BISTURI" e as pessoas do expediente não se responsabilizam por matérias assinadas, responsabilizando-se apenas pelo Editorial. As matérias que não saíram neste número são prioritárias e serão editadas no próximo. Diagramação: Clotilde Barcellos (f.: 33.3804); fotolitos e impressão: Fotoletras (f.: 33.2020).

UNIFICADO. O CURSO QUE MAIS TEM PASSADO.

O Unificado é o que mais aprovou nos últimos doze anos. É o que tem a maior porcentagem de alunos aprovados e o maior índice de primeiros lugares. É o único onde todos os professores são conhecidos e consagrados. Chegou a hora de você engordar as estatísticas do Unificado e assegurar a sua vaga na Faculdade, mesmo que tenha que investir um pouquinho mais. Matricule-se já no Revisão de novembro. Só um curso com esse passado pode lhe garantir um futuro mais que perfeito.

CURSO DE REVISÃO: INÍCIO 7 DE NOVEMBRO
Provão, específicas da Ufrgs e outros vestibulares.

unificado

*O curso que você merece,
com os professores que você conhece*
Av. Alberto Bins, 467 - Fones 24-6955 e 21-6158